



## TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA, AGRICULTURA FAMILIAR E TRABALHO FEMININO: UM ESTUDO DE CASO EM ITUPORANGA-SC

Agroecological transition, family agriculture and female work: a case study in  
Ituporanga-SC

Sirlei Aparecida Kopplel<sup>1</sup>, Marina Augusta Tauil<sup>2</sup>, Janaina Tauil Bernardo<sup>3</sup>, Sealete Maria  
Sebold<sup>4</sup> e Cristina Luisa Bencke Vergutz<sup>5</sup>

### RESUMO

A proposta da agroecologia como ciência se materializa na integração de todos os seres vivos e restauração das relações ecológicas que as conectam. Nesse sentido, torna-se fundamental a valorização da perspectiva feminina nos processos de mudança ocorridos nas propriedades agrícolas. Com isso, objetivou-se analisar a ocorrência da transição agroecológica em uma propriedade no município de Ituporanga/SC, com enfoque no papel desempenhado pela mulher durante todo o processo. De forma metodológica, foi realizado um estudo de caso único, com a utilização de técnicas de entrevista sem perguntas elaboradas e de forma aberta, com o objetivo de relatar, a partir da escuta da matriarca da família, as etapas da consolidação do modo de produção agroecológico na unidade familiar. De forma conclusiva, a experiência demonstrou a mudança do modo de produção da propriedade e a importância do trabalho feminino na concretização do processo.

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. E-mail: sirleikopplel@outlook.com

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: marina.atb@gmail.com

<sup>3</sup> Professora em Fitopatologia da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). E-mail: jana9573@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Agricultora familiar. E-mail: sirlei-kopplel@uergs.edu.br

<sup>5</sup> Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEdu na Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. E-mail: cristina.vergutz@gmail.com

**Palavras-chave:** transição agroecológica. unidade de produção familiar. produção orgânica. gênero.

### ABSTRACT

The proposal of agroecology as a science materializes in the integration of all living beings and the restoration of the ecological relationships that connect them. In this sense, the valorization of the feminine perspective in the processes of change occurring on agricultural properties is fundamental. Thus, the objective was to analyze the occurrence of the agroecological transition in a property in the municipality of Ituporanga/SC, focusing on the role played by women throughout the process. In a methodological way, a single case study was carried out, using interview techniques without elaborated questions and in an open way, with the objective of reporting, from the listening of the family matriarch, the stages of consolidation of the production mode agroecological in the family unit. And conclusively, the experience demonstrated the change in the way of production of the property and the importance of female work in the realization of the process.

**Keywords:** agroecological transition. family production unit. organic production. gender.

**Recebido em:** 15/06/2019

**Aceito para publicação em:** 23/9/2019

**Correspondência para:**  
lbocao@yahoo.com.br

## Introdução

A soberania alimentar é conceituada como

“o direito dos povos a alimentos nutritivos e culturalmente adequados, acessíveis, produzidos de forma sustentável e ecológica e o direito de decidir o seu próprio sistema alimentar e produtivo” (MEIRELLES, 2004, p.12)

Ela traduz a preservação da cultura e hábitos alimentares, historicamente decorrentes do trabalho das mulheres. Engajadas nas atividades das propriedades agrícolas, as mulheres do campo, além de responsáveis pelos afazeres domésticos, educação dos filhos e trabalho nas lavouras, são as mantenedoras das hortas e quintais produtivos, como apontam Carneiro et al. (2013), que alimenta e nutre a família.

As mulheres camponesas produzem e reproduzem o trabalho doméstico e de cuidado. De acordo com Paulilo (2013), 85% a 90% do tempo das mulheres são dedicados à preparação dos alimentos, cuidando dos filhos e outras tarefas domésticas, sendo que a variação da quantidade de dedicação está relacionada com a idade dos filhos e seu trabalho produtivo, remunerado ou não. Esse trabalho é tido como “ajuda” e como passível de ser interrompido sempre que a família precisa, como no cuidado e atenção dos filhos pequenos ou para o exercício do cuidado aos demais entes e de doenças.

No Brasil, quase 15 milhões de mulheres do campo estão privadas do acesso à cidadania, por não serem reconhecidas em sua condição de agricultoras familiares, camponesas ou trabalhadoras rurais, embora representem 47,8% da população residente no meio rural, somente 16% das mulheres são titulares das terras onde moram, de acordo com Pacheco (2009). Nesse sentido, Castro e Lavinas (1992), discorrem que as tarefas produtivas desempenhadas pela mulher no campo frequentemente não são consideradas pelas estatísticas oficiais, por não serem remuneradas ou de irrisória remuneração.

De forma contrária a essa lógica, a agroecologia é um enfoque científico, destinado a apoiar a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencional para agriculturas sustentáveis. Essa ideia, de acordo com Caporal (2009), refere-se a um processo de evolução contínua e crescente da busca pelo desenvolvimento sustentável, ao mesmo tempo que envolve e emancipa todos os atores envolvidos. Esse processo de conscientização vem junto com a participação política individual e coletiva das mulheres na construção de redes de integração e coesão social, pois, de acordo com Pacheco (2009), possuem um papel de destaque na promoção da Agroecologia, por fazerem uma leitura diferenciada da agricultura.

Nesse viés, Cardoso e Rodrigues (2009), apontam que muitos os estudos no foco na agricultura familiar deixam de problematizar as relações de poder e os papéis exercidos por cada membro da família, mantendo invisível o trabalho das mulheres na construção da Agroecologia. Conforme Yin (2001), embora não possam ser generalizados, os resultados obtidos devem possibilitar a disseminação do conhecimento, por meio de compreensão e interpretação mais profunda dos fatos e fenômenos específicos.

De forma a sistematizar a experiência no âmbito familiar, o trabalho possui o objetivo analisar a ocorrência da transição agroecológica em uma propriedade no município de Ituporanga/SC, com enfoque no papel desempenhado pela mulher durante todo o processo. Nesse sentido, a partir de estudo de caso único, o escopo da pesquisa é uma unidade de produção familiar localizada no município de Ituporanga/SC, referência na região sobre geração e socialização de tecnologias e processos de manejo agroecológico.

Com isso, de forma a sistematizar o estudo, após a metodologia, serão apresentados tópicos, denominados “etapas” e, assim, subdivididos: etapa inicial: primeiro contato da família com a Agroecologia; etapa de consolidação da produção orgânica na propriedade; etapa de concretização da produção orgânica; etapa espaço de fala sobre a conscientização do protagonismo feminino e reconhecimento de conquistas, que corresponde ao momento atual, demonstrando os frutos de toda luta e construções na perspectiva da Salete. Por derradeiro, serão apresentadas as considerações finais, de forma a contribuir e dinamizar futuras contribuições acadêmicas.

## Métodologia

A propriedade em estudo é localizada na SC 302, km 25, no município de Ituporanga, no Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, o quarto maior produtor de orgânicos do Brasil, e o cultivo de alimentos sem agrotóxicos cresce em ritmo acelerado no estado. O município de Ituporanga possui uma área territorial de 336km<sup>2</sup>, em uma altitude que chega a 830m acima do nível do mar e temperatura média anual de 17,58°C, com clima bastante agradável, população de aproximadamente 22.250 habitantes, de acordo com o Perfil Socioeconômico de Ituporanga/SC (2016). A região possui uma população de 64.764 habitantes, com 44,6% residindo no meio urbano e 55,4% no meio rural, indicando uma ruralidade maior do que a média observada no estado.

Conhecida como a Capital Nacional da Cebola, Ituporanga (Figura 1) é responsável por 12% do abastecimento nacional. As principais culturas econômicas são as lavouras temporárias, com destaque para o fumo, cebola e milho. A agropecuária é uma atividade muito importante nessa região, contando com 8.669 estabelecimentos agropecuários, sendo 91,9% familiares. A maior parte desses estabelecimentos é de pequeno porte, com 38,24% deles detendo área de terra menor que 10 hectares (em SC 36,6% detêm menos de 10 ha). A região produziu, em 2014, 73,42% da cebola do estado, e 13,75% da produção catarinense de fumo (Perfil Socioeconômico, 2016).



**Figura 1.** Localização geográfica do município de Ituporanga em Santa Catarina – BR. **Fonte.** adaptado de Marsden e Ploeg (2008, p. ix).

A escolha da família, composta pelo casal Sr. Afonso e Sra. Salete, de 63 e 62 anos, respectivamente, a filha Sirlei e os filhos Aurélio e Aguinaldo, decorreu do fato de ser uma das pioneiras na produção orgânica no estado de Santa Catarina. Desde 1996, o grupo familiar influencia e desperta interesse de outras famílias na região, pois apresenta ascendente melhoria nas condições de saúde, ambiental, socioeconômica e instrução educacional da família. Com isso, o desejo de contribuir para melhorar a qualidade de vida de outras famílias da agricultura familiar da região, fez com que a família se torna referência, realizando encontros, visitas técnicas e reuniões em sua propriedade.

A metodologia adotada é de estudo de caso único. De acordo com Yin

“o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos” (YIN, 2001, p.32)

Ainda de acordo com o autor, o aspecto diferenciador do estudo de caso

“reside em sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observação” (YIN, 2001, p.32)

E, nesse sentido, buscou-se descrever as experiências no sentido de compreender o processo de transição agroecológica na unidade produtiva em foco, considerando a agricultora matriarca como entrevistada, de forma a evidenciar e valorizar o trabalho feminino realizado.

De acordo com Duarte e Barros (2006), a entrevista é considerada uma das mais importantes fontes de informação para um estudo de caso, mas há fontes de informações distintas, também utilizadas como base ao desenvolvimento do estudo, tais como: análise de registros, documentos, entrevista, observação direta e observação participante. Com isso, a entrevista sem perguntas elaboradas e de forma aberta, foi utilizada como ferramenta de construção do estudo, a partir de um encontro presencial, com entrevista gravada e um encontro presencial, sem gravação, além de mais duas vídeoconferências, via telefon,e para esclarecimentos e término de levantamento de dados.

Ademais, o levantamento da transição do modo de produção convencional ao sistema de produção orgânica e, posteriormente, o reconhecimento e consolidação da produção agroecológica na unidade agrícola, com início em 1996, ocorreu através de levantamento documental, utilizando evidências, fotos, documentos e registros durante a visita presencial à propriedade, no ano de 2019.

Diante da grande complexidade dos níveis da transição agroecológica sugeridos por Gliessman (2005), a estrutura textual de resultados e discussões do estudo de caso será dividida em etapas, de forma a analisar a ocorrência da transição agroecológica em uma propriedade no município de Ituporanga/SC, com enfoque no papel desempenhado pela mulher durante todo o processo.

## Resultados e discussões

A primeira etapa a ser abordada engloba a decisão do casal em mudar do sistema de produção convencional, predominantemente de cebola e fumo, para o sistema de produção orgânico de horticulturas, com início cronológico no ano de 1996, e se estende até o ano de 1999, com a conquista da certificação orgânica. A agricultora relata, durante a entrevista, que a tomada de decisão quanto à mudança do modo de produção foi de forma conjunta pelo casal, diante da necessidade de buscar outra forma de se manterem economicamente na propriedade e, assim, conforme suas palavras,

“a gente produzia convencional e a terra não produzia mais. Aí a gente faliu, e não sabia onde pegar [mais dinheiro]. Então resolvemos, sentamos e conversamos para passar para o orgânico”. Salete, 2019

Como desconheciam a possibilidade de produzir de forma agroecológica, de acordo com a agricultora, o despertar do interesse da família em mudar a forma de produção foi alavancado pela equipe da EPAGRI (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina), de Ituporanga/SC, que envolveu a família em projetos na região. Com isso, o Sr. Afonso e a esposa Salete, junto com seu filho mais velho, Aurélio, e demais agricultores, foram levados aos municípios de Ipê e Antônio Prado/RS (Figura 2), para conhecer outras unidades de agricultura familiar que já utilizavam o sistema de produção orgânico.



**Figura 2.** Visita de agricultores a unidades de produção orgânica. Antônio Prado/RS, 1996.

No relato da agricultora, é possível observar a importância do trabalho realizado pelo Engenheiro Agrônomo Rainer Bresser, que desencadeou o processo de organização dos agricultores, sendo fundada a Associação de Agricultores Ecológicos de Ituporanga (AECIT).

E, dessa forma, aponta a agricultora:

“Foi o Rainer. A gente fez um curso, mas na época não se falava em orgânico. Então ele disse: - vamos fazer um curso sobre plantio de tomate, mas tipo, direcionado para o orgânico. Aí, na época, a gente veio visitar em Ipê e Antônio Prado, que já tinha uma associação que plantava orgânico. Aí a gente resolveu formar uma associação”. Salete, 2019

A participação das mulheres nas reuniões da Associação tornou-se rotina, pois havia trocas de conhecimento umas com as outras, conforme menciona a agricultora, que relata que, durante as reuniões, elas conversavam sobre as sobras dos produtos, conservas e contava que

“fazia massa de tomate, que sobrava tomate e a gente não perdia e então eu conversava sobre isso. Elas também tinham sobra e podiam ser aproveitadas e não precisa jogar fora e aproveitava. O meu relacionamento com as outras mulheres sempre foi muita bom”. Salete, 2019

Visto que seria a melhor forma de salvar a saúde da família, minimizar os impactos ambientais, promover melhor renda e melhorar a vida do solo, iniciou o período de conversão da unidade, mas a situação financeira mudou apenas após três anos, pois havia dívidas de banco das safras anteriores, e a terra não produzia conforme o esperado. Sobre isso, a agricultora aponta

“durante três anos, a gente só produziu mesmo para alimento e nada mais. E depois dos três anos, a terra estava recuperada. Aí começamos a produzir, que sobrou um pouco. Já no quarto ano já sobrou um pouco e a terra já produzia bem mais”. Salete, 2019

Ao final dessa fase, as práticas e manejos das lavouras e insumos ocorrem de forma sustentável (Figura 3), porque, conforme a agricultora fala,

“a terra está equilibrada, o equilíbrio é natural, não dá bichinhos, a única coisa nas frutas que a gente usa hoje, é a isca com o melaço de cana, a armadilha”, acrescentando que ainda tem problemas de aceitação pela comunidade quanto ao modo de produção, pois a “armadilha é pendurada nos pés de pêssego, e às vezes ainda tem quem ri e diz que é pinheirinho. Mas eu não me importo, porque eu sei o que estou comendo e o que estou fazendo”. Salete, 2019



**Figura 3.** Técnica de compostagem implantada na propriedade. Ituporanga/SC,1999.

Durante a etapa de transição, a família sofreu diversas mudanças na unidade, mas, principalmente, quanto ao protagonismo feminino, com o envolvimento do esposo em reuniões e responsabilidades externas. Com isso, a produção ficava sob a responsabilidade de Salete, que relata passar a ter que tomar as decisões sozinhas, sem o aval ou decisão do marido, como expressa a seguir:

“eu administrava a lavoura, porque eu sabia qual talhão produzia batatinha, qual talhão produzia amendoim, o brócolis, essas coisas. Fazia rotação de culturas nos talhões, passei a decidir sozinha”. Salete, 2019

#### Etapa de consolidação da produção orgânica

Ocorrida a transição dos modelos de produção, essa etapa corresponde ao fortalecimento do processo de produção orgânica, após o ano de 1999, já com a produção formalmente certificada. Nesse sentido, a agricultora afirma que a terra ficou muito mais fofa e nutritiva, pois novas técnicas e práticas de manejo foram desenvolvidas, com adaptações para a realização das tarefas agrícolas. Com a organização e o preparo da terra, a propriedade da família estava com toda área de produção orgânica, sendo que a qualidade das águas mudou, a preservação do meio ambiente obteve maior atenção, bem como a saúde da família e da biodiversidade.

As dificuldades foram eminentes na propriedade, entretanto, a agricultora aponta que a maior delas correspondeu ao fato de não terem sementes e nem saberem como conservar as sementes. Assim, de acordo com sua fala:

“Primeiro, é que a terra não estava bem preparada. Mas, a dificuldade mesmo foi a semente, que, às vezes, a gente plantava uma semente de inverno no verão, de verão no inverno, ai florescia tudo e não dava nada. Ai o que a gente fez a própria semente. Hoje, tem uma geladeira que tem só sementes crioulas. Isso foi a dificuldade maior”. Salete, 2019



**Figura 4.** Seleção de sementes da própria propriedade. Primeira figura de pipoca, segunda de milho, e a terceira de feijão preto e amendoim. Ituporanga/SC, 1999.

Assim, a família aprendeu a realizar a seleção e conservação da própria semente (Figura 4), o que, de acordo com o autor Paulino

“a consciência de que o profundo conhecimento dos elementos da natureza é fundamental para que os empreendimentos sejam bem-sucedidos” (PAULINO, 2012, p.41)

Isso decorre da necessidade de sobreviver, fazendo com que esses atores sociais, ao longo de sua vida, aprendam a ler a natureza e seus sinais, através das suas experiências vividas. A agricultora comenta que sofreram críticas, da comunidade e dos vizinhos, e aponta que as

“pessoas nos chamavam de loucos, que tínhamos lavouras de criança, pois as lavouras eram em consorciação, e com flores para atrativos e repelentes para insetos e doenças. Éramos vistos como falidos e loucos”. Salete, 2019

Isso ocorria, principalmente, pelo fato de utilizarem a técnica de diversificação das culturas e consórcio de plantas (Figura 5), fundamentais ao enfrentamento da transição agroecológica, segundo Gliessman (2001).

Ainda nesse sentido, de acordo com a fala da agricultora:

“A gente era um tipo de chacota. Muitos diziam: ah vocês vão passar fome, não vão sobreviver, porque é roça de guri pequeno. Porque eu gostava de consorciar. Daí um ajuda a outra, as plantas. Só que hoje, na verdade, hoje, aqueles que riam, estão tudo endividados, e a gente está de cabeça tranquila, sem dívida nenhuma”. Salete, 2019

**Figura 5.** Diversificação das culturas da primeira figura de variedades de alface, beterraba e repolho, e na segunda figura o consorcio de plantas de flores margaridas com beterraba. Ituporanga/SC,1999.



A agroecologia possibilita o entendimento e o conhecimento local da agricultora em sua unidade agrícola, o que expressa a qualidade dos agricultores familiares, de acordo com Graziano

de “deter boa parte da experiência mundial em sustentabilidade, transmitida de geração em geração e aperfeiçoada a ponto de, muitas vezes, conseguir manter a produção mesmo em terras marginais”. (GRAZIANO, 2014, p. 01)

Dessa forma, torna-se passível de ser observado no relato da agricultora:

“A vaquinha adora a flor amarela. Então, fazer uma carreira de Adália ou de girassol, ela vai naquilo ali. Mas tem gente que diz que ai você chama mais. Mas, não é que chama mais. Enquanto ela vai na flor, a verdura desenvolve e vem. Além das verduras, era plantado a flor para o controle, e essa flor a gente vende”. Salete, 2019



**Figura 6.** Técnica de consórcio de amendoim com Girassol (*Helianthus annuus* L.) Ituporanga/SC, 1999.

Uma unidade de produção agrícola deve ser compreendida como um agroecossistema que, de acordo com Gliessman (2001), tem de ser entendida como uma estrutura com a qual podemos analisar os sistemas de produção de alimentos como um todo, incluindo seus conjuntos complexos de insumos, produção e conexão entre as partes que os compõem. Nessa perspectiva, a agricultora inclui a produção animal (Figura 7), quando relata que

“galinhas caipiras que é a galinha feliz. Gente diz que elas pastam e a gema fica bem amarelinha, e elas são tratadas com resto de verduras e milho comum. A saúde animal melhora”. Salete, 2019



**Figura 7.** Aves soltas e de livre acesso ao pastoreio na propriedade. Ituporanga/SC, 2001.

Reestruturada a propriedade, a família realizou parcerias com outros agricultores familiares, com os quais se obtinha maior subsídio de mão-de-obra, desde a produção até a comercialização. Nas palavras da agricultora

“observamos que daria certo, pois as primeiras produções foram boas e com qualidade”. Salete, 2019

O que possibilitou o reconhecimento da propriedade como o farol da agroecologia, resultando em visitas técnicas, documentadas em um livro de presença da propriedade, de Universidades, de escolas agrotécnicas, agricultores, técnicos e profissionais do meio ecológico, tais como o Prof. Miguel Altieri, sua esposa Clara Nicholls (Figura 8), e outros professores de instituições do exterior e nacional.



**Figura 8.** Visita do Prof. Miguel Altieri e Clara Nicholls a propriedade. Ituporanga/SC, 2001.

Em 2001, a família recebeu a visita da rede de TV da BBC de Londres, que realizou uma filmagem da propriedade “como uma técnica agrícola que deixa esperança para o futuro”, foi o que mencionou o técnico Gideon Boulting, do Rio de Janeiro, que acompanhou a filmagem. Assim como recebia visitas de estudantes (Figura 9) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como expressa a agricultora sobre o cuidado que tinha ao recepcioná-los:

Eles marcavam o dia da visita e queriam um café à base de raízes. Aí eu fazia. Era bolinho de raiz de aipim com cará, pão de milho, nata e queijinho de leite de nossas vacas mesmo. Então eles vinham e ficavam um dia de campo aqui em casa, tanto na roça conhecendo, faziam questão e adoravam. Salete, 2019.



**Figura 9.** Visita estudantes de Agronomia da UFSC à propriedade. Ituporanga/SC, 2005.

A sensibilidade da mulher em questões ambientais se torna visível, quando deparamos a importância que ela tem ao fortalecer os laços com o meio em que vive, respeitando e buscando uma reflexão quanto aos fatores climáticos atuais. Sobre esse tema, relata a agricultora:

Eu senti necessidade de fazer isso, porque muita gente reclamava que estava acabando a água, mas desmatavam até em cima dos córregos. Enquanto isso, eu reflorestei as margens de toda nascente de água. Mas, como era morro para trabalhar, eu fiz um projeto - o Projeto Piava - e ganhei as mudas, reflorestei, a água voltou, e está lá até hoje, a água. Salete, 2019

De forma conjunta à transição agroecológica, é possível observar o empoderamento feminino a partir do relato da agricultora:

“eu fazia, sabia fazer, mas não sabia me expressar, não sabia receber uma pessoa na propriedade, porque era tímida. Eu tinha vergonha. Hoje não! Hoje, chega uma pessoa lá, eu sei conversar, eu sei dizer onde eu planto, onde eu colho, como eu faço. Sei tudo!” Salete, 2019

Nas figuras 10 e 11 é possível ver Salete trabalhando. Nesse sentido, segundo Siliprandi (2015), a proposta agroecológica oferece às mulheres a possibilidade de se auto afirmarem como sujeitos na agricultura, bem como o estímulo à criatividade e capacidade de experimentação.



**Figura 10.** Salete roçando, Ituporanga/SC, 2005.



**Figura 11.** Salete colhendo uvas, Ituporanga/SC, 2005.

Os reflexos da mudança ao modo de produção agroecológico ficam claros quando a importância do trabalho feminino na agricultura se descreve em atitudes que aparentemente parecem simples (Figura 12), mas que expressam a sensibilidade e presteza que as mulheres possuem. Sobre isso, a agricultora relata:

“a mulher trabalha e tem mais carinho com as coisas. Tem que ter o carinho, tem que ter o jeitinho com as plantas. Eu sempre exigi das pessoas que trabalharam comigo”. Salete, 2019



**Figura 12.** Salete em práticas de manejo na propriedade, I Ituporanga/SC, 2009.

### Etapa de concretização da produção orgânica

A etapa de concretização corresponde à época que a família, após receber a certificação orgânica, consegue se manter economicamente e garantir renda a partir dos frutos de sua produção. E, de forma a viabilizar essa ocorrência, a comercialização dos produtos era, e ainda é realizada na Feira Livre da Lagoa da Conceição (Figura 13, Figura 14), todo sábado, das 6h até as 12h30 da manhã, em Florianópolis/SC, com a distância da propriedade até o local da feira de aproximadamente 176km, em torno de três horas e meia de viagem. De forma diversificada, os produtos comercializados decorrem da sazonalidade do manejo agroecológico, de acordo com a estação do ano.

Antes da separação do casal, era o Sr. Afonso quem fazia a feira livre com mais dois ajudantes, atualmente, é realizada por Aguinaldo, o filho mais novo, e mais dois ajudantes. Os produtos que retornam da feira sempre são reaproveitados e processados em forma de sucos, geleias, conservas e massas. Já os produtos que não são reaproveitados para consumo humano são empregados na alimentação de animais e na compostagem orgânica.



**Figura 13 e Figura 14.** Banca da família na Feira Livre - Florianópolis/SC, 2012.

O contato da família composta pelo casal Sr. Afonso, Salete e seus três filhos, direto com os consumidores, foi de suma importância para fortalecê-los e mantê-los encorajados a permanecer na produção orgânica (Figura 15) e buscar a agroecologia, mesmo diante das dificuldades que enfrentavam. Conforme relata a agricultora:

“Os consumidores, eles querem saber desde a produção lá no campo. Eles perguntam tudo. O consumidor, nós temos consumidor de produto orgânico hoje que estão com 20 anos conosco, comprando na feira. E ainda continuam, e ainda fazem questão de visitar a propriedade”. Salete, 2019



**Figura 15.** Parcela de produção orgânica na propriedade, local, 2012.

A construção pela segurança alimentar da família e dos consumidores é percebida quando a tranquilidade em consumir o produto e ter a consciência de que alimentos produzidos sem insumos químicos proporcionam melhoras na saúde e qualidade de vida. Sobre o tema, a agricultora relata:

“A gente se alimentava com todos os produtos do sítio, pouca coisa era comprada. Acho que a imunidade era bem maior, porque dificilmente alguém ficava doente. Estava lá na roça, arrancava uma cenoura e comia. Não precisa lavar, não precisa ter medo de nada, estava limpo”. Salete, 2019

A melhora e a independência financeira vieram após a terra estar equilibrada, melhora na qualidade e quantidade da produção. Além disso, a partir de 2005, foram criadas parcerias com outras associações de produção orgânica, visando realizar a troca de produtos entre regiões agroecológicas diferentes, proporcionando maior oferta e variedade de produtos aos consumidores.

Etapa espaço de fala sobre a conscientização do protagonismo feminino

Nessa etapa, que se inicia com o divórcio e a separação de bens pelo casal, fica visível, a partir de sua fala, a força e determinação de Salete em continuarem busca e manutenção da produção agroecológica (Figura 16), como pode ser observado:

“Eu senti liberdade, porque daí eu podia administrar como eu queria. E deu mais certo. Eu administrava: vamos plantar tantas bandejas disso, tantas daquela e deu certo. E dava certo, deu e está dando certo. Eu me senti bem mais aberta. Levantei a cabeça e continuei”. Salete, 2019



**Figura 16.** Dona Salete realizando atividades de roçadas com um micro trator, Ituporanga/SC, 2015.

Em sua fala, a agricultora menciona como era alheia às tomadas de decisões e atribuições das atividades, ao afirmar que

“não, eu nunca sabia quanto àquela roça. Que tipo assim, que eu plantei, eu nunca sabia o lucro que havia dado, nada. Sobre o dinheiro, o financeiro eu nunca era incluída. Eu era incluída a trabalho”. Salete, 2019

Com o divórcio, esse ciclo foi rompido, como evidencia a agricultora:

“isso foi mudando, quando eu me divorciei. Eu estava preparada para saber que eu sabia o lucro que dava. E aí, eu tava preparada, e fiz as reformas na propriedade, o que eu sempre queria”. Salete, 2019

O fortalecimento e a consolidação da emancipação da mulher também podem ser observados no relato da agricultora:

“Comprei algum implemento que precisava e ajeitei onde a gente prepara as verduras, pinte de branco, forrei, deixei tudo arrumadinho. O que dava, eu investi bastante na propriedade, na melhoria da propriedade. E antes, eu não sabia se podia ou não podia fazer[...]”. Salete, 2019

Ademais, nas palavras da agricultora, é possível compreender o porquê de a mulher ter um vínculo forte com a agroecologia, pois, até mesmo os exemplos são significativos:

“A raiz da planta é a sustentação da planta que liga a terra. É igual nós: como uma gestante com o umbigo, a mãe manda alimento para o feto e a terra manda alimento para a planta através da raiz. Então, se a terra está doente a planta vem doente. Se a terra está saudável, a planta vem saudável”. Salete, 2019

Por derradeiro, de acordo com a agricultora, a maior conquista da família foi produzir de forma orgânica, pois, na época pouco se ouvia falar em outras formas de se produzir. E, ademais, a agricultora relata

“a gente conseguiu fazer uma casa nova com cercado, conquistamos o que temos hoje, uma camioneta, conquistamos muitos amigos da feira em Florianópolis, que a gente tem lá, que eu acho que isso já é uma conquista”. Salete, 2019

A agricultora também se referiu aos cuidados na educação dos filhos

“na verdade, foi muito bom. Todos os três filhos apoiaram e gostaram tanto, que hoje estão cada um praticamente com um pé ou uma mão, ou os dois, na produção orgânica”. Salete, 2019

Orgulhosamente, refere-se que a filosofia da agroecologia, influenciou seus filhos a trilharem seus caminhos profissionais envolvidos na produção orgânica, de acordo com suas palavras:

“Sendo que a menina Sirlei fez a faculdade de Ecologia. O mais velho tem uma loja de produtos orgânicos em Florianópolis. E o mais novo, que está tocando a feira, mora perto de mim e continua ainda plantando orgânico. Então, isso deixou nós muito feliz”. Salete, 2019

Como conta a agricultora

“os orgânicos são quase como uma família: o que um tem dá para o outro de semente, trocas de sementes, e isso é muito importante”, Salete, 2019

Na fala acima, ela refere-se ao grupo de agricultores que produzem de forma orgânica na região, demonstrando que a agroecologia proporciona criar laços e compartilhamento de conhecimento, e se torna a esperança para um futuro promissor e cheio de vida.

Por fim, a agricultora relata que

“a terra está recuperada, não está queimada de veneno, de química, nada. Eu vejo isso como uma grande conquista. E a questão de saúde, que, como nós que trabalhamos lá, e também quem consome, porque, na verdade, a gente só está levando a saúde”. Salete, 2019

## Considerações Finais

As mudanças realizadas pela família traçaram um novo modo de vida, um estilo de comportamento, uma relação saudável entre o homem e a natureza, em sintonia com a vida, sustentadas pela disposição da família em sair da estagnação econômica a qual o empreendimento agrícola estava submetido e que se finalizava com o horizonte da necessidade de sair da atividade da produção agrícola. Entretanto, este estudo se fundamenta na percepção da mulher como protagonista de mudanças na transição agroecológica, tendo um papel fundamental na agricultura familiar.

O protagonismo da mulher na agroecologia e a visão da família como um todo homogêneo e integrado, na qual os sujeitos são todos os membros por ela composta e cada um tem sua função e

significância dentro do desenvolvimento da unidade de produção agrícola. Nesse sentido, o estudo demonstra a importância o papel da mulher, não só para viabilizar economicamente a pequena propriedade, mas também de serem equilibradas sob os aspectos ambientais, éticos, políticos e social, pois demonstra a preocupação feminina com o agroecossistema como um todo e sua importância na mudança de paradigma em relação à agroecologia.

Portanto, fundamentais e necessários trabalhos desenvolvidos na perspectiva de valorizar o trabalho feminino na agricultura familiar e agroecológica, visto que as mulheres realizam grande parte das tarefas na agricultura e quase nunca são vistas como protagonistas. A sociedade precisa perceber e ver a importância da mulher nas mudanças políticas, socioculturais e nos movimentos agroecológicos, demonstrando a necessidade de futuros estudos sobre a agricultura, que analisem as relações que se estabelecem no interior das famílias rurais, considerando, também, o universo feminino e todas suas implicações.

### Referências Bibliográficas

- Agência de Desenvolvimento Regional: **Perfil Socioeconômico**, Ituporanga, 2016.
- AGRICULTURA, AGROPECUÁRIA E ABASTECIMENTO. Base de dados do Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/organicos/cadastro-nacional-produtores-organicos>. Acesso em: 20 set.2019.
- Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos do Mapa. **Produção orgânica certificada em Santa Catarina**. Versão do CNAPO: março de 2017
- CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**. Brasília: MDA/SAF, 2009.
- CARDOSO, Maria Elisabeth., RODRIGUES, Vanessa Schottz. **Mulheres construindo a Agroecologia no Brasil**. Revista Agriculturas • v. 6 - n. 4 • dezembro de 2009.
- CARNEIRO, M. G. R., CAMURÇA, A. M., ESMERALDO, G. G. S. L., SOUSA, N. R. D. **Quintais produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável local na perspectiva da agricultura familiar (O caso do assentamento Alegre, município de Quixeramobim/CE)**. Revista Brasileira de Agroecologia, 8(2), 2013.
- CASTRO. M. G.; LAVINAS. L. **Do feminino ao gênero: a construção de um objeto**. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992
- DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 2006.
- FREIRE, A. G. **Pela vida das mulheres e pela agroecologia: agricultoras da Borborema reescrevem suas histórias**. Revista Agriculturas: experiências em agroecologia, v.12, n.4. Rio de Janeiro/RJ. Dezembro/2015.
- GLIESSMAN, S.R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 2 Ed. Porto Alegre: Ed. Universidade (UFRS),2001.
- \_\_\_\_\_. **Processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre, 2005.
- Governo de Ituporanga. Dados do município de Ituporanga. Disponível em: <http://www.ituporanga.sc.gov.br/cidade/historia.html>. Acesso em: 5 jun.2019
- GRAZIANO, J. da S. Não há nada mais avançado do que o potencial da agricultura familiar. 2014. Disponível em: <[www.mst.org.br/node/15565](http://www.mst.org.br/node/15565)> . Acesso em: 06 jun. 2019.
- MEIRELLES, L. **Soberania alimentar, agroecologia e mercados locais**. In: Revista Agriculturas: experiências em agroecologia: AS-PTA, v. 1, n. 0, set. 2004.
- PACHECO, M. E. L. **Os caminhos das mudanças na construção da agroecologia pelas mulheres**. Revista Agriculturas: experiências em agroecologia, v.6, n.4, páginas 04-08. Rio de Janeiro/RJ. Dezembro/2009.
- PAULINO, E. T. **Por uma geografia camponesa**. 2ª edição. São Paulo: Editora da UNESP. 2012.
- PAULILO, M. I. S. **FAO, fome e Mulheres Rurais**. IN: DADOS -Revista Ciências Sociais, Rio de Janeiro, col.56, nº2, 2013.
- SILIPRANDI, E. **Mulheres e Agroecologia – transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.